



**A CORPOREIDADE FEMININA E A CIDADE: OLHARES A
PARTIR DE FOTOGRAFIAS DE BORIS KOSSOY NO
FOTOLIVRO VIAGEM PELO FANTÁSTICO 1971 E NA OBRA
LITERÁRIA AS CIDADES INVISÍVEIS 1972, DE ÍTALO CALVINO**

**FEMININE CORPOREITY AND THE CITY: VIEWS FROM
PHOTOS BY BORIS KOSSOY IN THE PHOTOBOOK JOURNEY
THROUGH THE FANTASTIC 1971 AND IN THE LITERARY
WORK AS CIDADES INVISÍVEIS 1972, BY ÍTALO CALVINO**

**LA CORPOREIDAD FEMENINA Y LA CIUDAD: MIRADAS A
PARTIR DE FOTOGRAFÍAS DE BORIS KOSSOY EN EL
FOTOLIBRO VIAJE POR LO FANTÁSTICO 1971 Y EN LA OBRA
LITERARIA AS CIDADES INVISÍVEIS 1972, DE ÍTALO CALVINO**

Renata Maria Doca¹
Ana Maria Rufino Gillies²

DOI: 10.54751/revistafoco.v18n1-042

Received: Dec 10th, 2024

Accepted: Jan 6th, 2025



RESUMO

Este artigo apresenta uma análise e interconexão entre o fotolivro ou Viagem pelo Fantástico, 1971 de Boris Kossoy e a obra literária Cidades Invisíveis, 1972 de Ítalo Calvino, ambos enraizados no movimento artístico do realismo mágico. A abordagem concentra-se na representação simbólica e metafórica das imagens de noivas do livro de Boris Kossoy e as cidades que as envolvem, buscando traçar paralelos com o fenômeno social da dominação masculina. A discussão segue uma abordagem metodológica qualitativa e explicativa, que se misturam à medida que a análise se desenvolve, seguindo perspectivas da Semiótica, explorando as relações entre ambas as obras, por meio de uma metodologia que transita entre a linguagem visual de Kossoy e a linguagem narrativa, de Italo Calvino. Por intermédio da análise cuidadosa de fotografias de noivas que surgem de forma teatralizada, repletas de elementos significativos em Viagem pelo Fantástico, examina-se como a abordagem artística de Kossoy pode aludir, de forma indireta, à perpetuação de papéis de gêneros tradicionais na sociedade patriarcal. O realismo mágico, característico das obras de Calvino e de Kossoy, permite uma leitura simbólica profunda das imagens, revelando aspectos ocultos e subliminares da condição feminina. Ao entrelaçar as imagens fotográficas às narrativas descritas em Cidades Invisíveis, faz-se uma análise literária das diferentes

¹Mestranda em Artes. Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). R. dos Funcionários, 1357, Cabral, Curitiba - PR, CEP: 80035-050. E-mail: docarenatamaria@gmail.com

²Doutora em História. Universidade Federal do Paraná (UFPR). Av. Cel. Francisco H. dos Santos, 100, Jardim das Américas, Curitiba - PR, CEP: 81530-000. E-mail: rufinogillies@gmail.com

formas de opressão e submissão enfrentadas pelas personagens femininas. Conclui-se que a interconexão dessas obras pode nos ajudar a compreender melhor as complexidades da opressão de gênero e, por sua vez, incentivar reflexões para a desconstrução desses padrões.

Palavras-chave: Realismo mágico; dominação masculina; noivas; Boris Kossoy; Ítalo Calvino.

ABSTRACT

This article presents an analysis and interconnection between the photographic book *Viagem pelo Fantástico* by Boris Kossoy and the literary work *Invisible Cities* by Italo Calvino, both rooted in the artistic movement of magical realism. The approach focuses on the symbolic and metaphorical representation of the bridal images in Boris Kossoy's book and the cities surrounding them, seeking to draw parallels with the social phenomenon of male domination. The discussion follows a qualitative and quantitative methodological approach, which mix as the analysis develops, following Semiotics perspectives, exploring the relationship between both works through a methodology that moves between Kossoy's visual language and Calvino's narrative language. Through a careful analysis of the theatricalized bridal photographs filled with significant elements in *Viagem pelo Fantástico*, the artistic approach of Kossoy is examined, suggesting how it may indirectly allude to the perpetuation of traditional gender roles in patriarchal society. The magical realism characteristic of Calvino and Kossoy's works allows for a deep symbolic interpretation of the images, revealing hidden and subliminal aspects of the female condition. By intertwining the photographic images with the narratives described in *Invisible Cities*, a literary analysis is made of the different forms of oppression and submission faced by female characters. It is concluded that the interconnection of these works can help us better understand the complexities of gender oppression and, in turn, encourage reflections on the deconstruction of these patterns.

Keywords: Magical realism; male domination; brides; Boris Kossoy; Italo Calvino.

Resumen

Este artículo presenta un análisis e interconexión entre el fotolibro "Viagem pelo Fantástico" (1971) de Boris Kossoy y la obra literaria "Ciudades Invisibles" (1972) de Ítalo Calvino, ambos enraizados en el movimiento artístico del realismo mágico. El enfoque se concentra en la representación simbólica y metafórica de las imágenes de novias del libro de Boris Kossoy y las ciudades que las rodean, buscando trazar paralelismos con el fenómeno social de la dominación masculina. A través del análisis cuidadoso de fotografías de novias que aparecen de forma teatralizada, llenas de elementos significativos en "Viagem pelo Fantástico", se examina cómo el enfoque artístico de Kossoy puede aludir, de forma indirecta, a la perpetuación de roles de género tradicionales en la sociedad patriarcal. El realismo mágico, característico de las obras de Calvino y de Kossoy, permite una lectura simbólica profunda de las imágenes, revelando aspectos ocultos y subliminales de la condición femenina. Al entrelazar las imágenes fotográficas con las narrativas descritas en "Ciudades Invisibles", se realiza un análisis literario de las diferentes formas de opresión y sumisión enfrentadas por los personajes femeninos. Se concluye que la interconexión de estas obras puede ayudarnos a comprender mejor las complejidades de la opresión de género y, a su vez, incentivar reflexiones para la deconstrucción de estos patrones.

Palabras clave: Realismo mágico; dominación masculina; novias; Boris Kossoy; Ítalo Calvino.

1. Introdução

A comunicação humana se realiza por meio de representações, por meio das quais o mundo é dado a ler. Tudo que pode ser lido, isto é, tudo que pode ser captado por nossos sentidos, é linguagem, ou seja, por uma gama intrincada de formas sociais de comunicação e de significação. Há linguagens verbais e não verbais, explica Santaella (1983), estudiosa da obra de Charles Sanders Pierce. A Linguística estuda as linguagens verbais; a Semiótica, ciência de toda e qualquer linguagem, discute a interpretação dos signos, ou seja, dos instrumentos de que a linguagem se serve para transmitir uma informação ou uma mensagem, compreendendo a capacidade humana de passar do processo de ver ao processo de interpretar, de entender o discurso subjacente aos signos.

O realismo mágico ou fantástico, movimento literário que se estendeu a outras formas de expressão artística, como as artes visuais, a fotografia e o cinema, recorre à utilização de símbolos e metáforas e também a elementos mágicos e mirabolantes para tratar da complexidade da realidade histórica e social.

Embora o realismo mágico seja considerado um movimento de vanguarda da primeira metade do século XX, há produções nos séculos XVIII e XIX que podem ser identificadas como tal. Na América Latina, um dos nomes mais conhecidos desse movimento foi Gabriel Garcia Marquez, particularmente com a obra literária *Cem Anos de Solidão* e o brasileiro Cacá Diegues, com o filme *O grande circo místico*. Entre outras obras cinematográficas, é possível apontar o filme *Asas do Desejo*, de Wim Wenders.

Algumas características interessantes do realismo mágico são: a possibilidade de cruzar temporalidades, assumir posturas diante do real, oscilar entre o real e o irreal mas respeitando uma verossimilhança, inclusive porque, na América Latina, este foi o modo artístico seguido por vários autores para abordar questões históricas violentas, particularmente a colonização. Num estudo sobre a história conceitual do realismo mágico, Ielgeski (2021, p. 08) destaca que:

"Tão melhor um conto fantástico seria quanto mais o escritor fosse

capaz de propor o fantástico como verossimilhança. Por isso, a chamada tendência realista da literatura fantástica: em um enredo plenamente verossímil, o inverossímil acontece, causando um efeito inicial de surpresa que se impõe, se estende e se instaura."

Da extensa lista de autores associados à estética do realismo mágico, selecionamos Ítalo Calvino e Boris Kossoy, em cujas obras identificamos aproximações: ambos, além de compartilharem essa visão estética, também nutrem uma paixão comum pelas HQs, que se evidenciam como referências em suas obras. Além disso, tanto Kossoy quanto Calvino constroem uma relação com o espaço urbano, o primeiro por sua formação em arquitetura e o segundo através de sua obra *Cidades Invisíveis*.

Boris passou pela época da ditadura brasileira (1964-1985) e publicou seu fotolivro durante o pior período daqueles tempos retrógrados (os chamados 'anos de chumbo', entre 1968-1974), em que foi implantado o Ato Institucional Número Cinco (AI 5), enquanto Calvino participou da resistência ao fascismo durante a Segunda Guerra Mundial e foi membro do Partido Comunista até 1956.

A abordagem de Calvino em suas obras é única, cativante e poética. Ao utilizar nomes de mulheres para descrever cidades mentais narradas por Marco Polo a Kublai Kan (personagens do escritor), o autor empresta uma beleza ímpar a essas narrativas, como se cada cidade fosse uma amada sua, em sua complexidade e singularidade. De maneira similar à Sherazade, que envolveu o sultão com suas mil e uma histórias, Calvino transporta o leitor para uma geografia mágica na qual os detalhes escondem simbologias, críticas e emoções, criando um universo literário profundo.

O fascínio de Calvino pelos símbolos complexos das cidades e da alma humana é evidente em suas palavras quando revela que eles lhe permitem "[...] maiores possibilidades de exprimir a tensão, entre a racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas [...]" (GOMES, 1994, p.40-41). Essa tensão, entre o concreto e o abstrato, o real e o imaginado, é um fio condutor em suas obras, revelando um autor que enxerga o mundo por meio de múltiplas lentes e perspectivas, proporcionando uma reflexão profunda sobre a existência humana.

Boris Kossoy, por sua vez, apresenta a magia do realismo mágico para a

cena fotográfica, inserindo noivas solitárias em ambientes urbanos. Sua formação em arquitetura pela Universidade Mackenzie, bem como sua trajetória de vida, desde São Paulo até sua residência em Florianópolis, parece influenciar sua maneira de captar essas imagens evocativas e cheias de estranhezas. *Viagem pelo Fantástico*, comemorando 50 anos desde sua criação, permanece uma contribuição valiosa para o panorama mundial de fotografias, revelando a genialidade e a sensibilidade do fotógrafo em retratar o real de maneira mágica.

2. Referencial Teórico

2.1 Reflexões sobre a Mimética em Valdrada, a Hipocrisia da Sociedade Patriarcal na Solidão da Noiva

Os antigos construíram Valdrada à beira de um lago com casas repletas de varandas sobrepostas e com ruas suspensas sobre a água desembocando em parapeitos balaustrados. Deste modo, o viajante ao chegar depara-se com duas cidades: uma perpendicular sobre o lago e a outra refletida de cabeça para baixo. Nada existe e nada acontece na primeira Valdrada sem que se repita na segunda, porque a cidade foi construída de tal modo que cada um de seus pontos fosse refletido por seu espelho. A Valdrada na água contém não somente todas as acanaladuras e relevos das fachadas que se elevam sobre o lago, mas também o interior das salas com os tetos e os pavimentos, a perspectiva dos corredores, os espelhos dos armários.

Os habitantes de Valdrada sabem que todos os seus atos são simultaneamente aquele ato e sua imagem especular, que possui a especial dignidade das imagens. Essa consciência impede-os de abandonar-se ao acaso e ao esquecimento, mesmo que por um único instante. Quando os amantes com os corpos nus rolam pele contra pele à procura da posição mais prazerosa ou quando os assassinos enfiam a faca nas veias escuras do pescoço e quanto mais a lâmina desliza entre os tendões mais o sangue escorre, o que importa não é tanto o acasalamento ou o degolamento, mas o acasalamento e o degolamento de suas imagens límpidas e frias no espelho. Às vezes o espelho aumenta o valor das coisas, às vezes, anula. Nem tudo o que parece valer acima do espelho resiste a si próprio refletido no espelho. As duas cidades gêmeas não são iguais, porque nada do que acontece em Valdrada é simétrico: para cada face ou gesto, há uma face ou gesto correspondente invertido ponto por ponto no espelho. As duas Valdradas vivem uma para outra, olhando-se nos olhos continuamente, mas sem se amar (CALVINO, 2002, p. 53).

A cidade de Valdrada, de Calvino 1972 e *A Noiva* de Boris Kossoy (1971) compartilham aspectos que revelam profundas reflexões sobre a natureza humana e suas dualidades. A cidade é construída à beira de um lago, composta

por duas versões refletidas umas nas outras. Nessa dualidade espelhada, cada ação tem sua imagem especular, criando uma consciência constante sobre a interconexão entre realidade e representação. Os habitantes são confrontados com suas próprias reflexões, o que impede que se abandonem ao acaso e ao esquecimento, atribuindo uma especial dignidade às imagens projetadas. Essa cidade simboliza a complexidade da existência humana, com seus atos e suas consequências refletindo-se em ambas as realidades, enquanto a assimetria ressalta a singularidade de cada indivíduo.

A mimética descrita por Marco Polo em Valdrada sinaliza a hipocrisia de uma cidade que vive em função das aparências, onde a duplicação meticulosa de cada gesto e ação destaca a busca incessante pela imagem perfeita e superficial. Essa ênfase na aparência pode ser relacionada às atitudes valorizadas na sociedade patriarcal descrita por Bourdieu, 1998 onde a masculinidade é frequentemente associada a uma imagem de poder, domínio e controle, enquanto, por outro lado a feminilidade é associada a delicadeza, submissão, discrição e disponibilidade.

A Noiva Solitária de Boris Kossoy (ver Figura 1) representa uma mulher que atravessa o viaduto da vida, carregando consigo uma mala, em direção a uma nova fase de sua existência, uma relação solitária, principalmente em meados dos anos 1970 quando as fotos imagens foram encenadas e fotografadas por Boris Kossoy. O fotógrafo, que também é arquiteto, escolheu São Paulo com seus prédios fálicos e androgênicos, presentes também em inúmeras cidades do mundo, e nela um símbolo, o viaduto. Em meio ao caos urbano na cidade de ferro concreto e sob o sol do meio-dia, a noiva simboliza a solidão e a transformação. Ela é uma figura que, ao entrar em um ciclo solitário da vida, passa por uma jornada de autodescoberta, reflexão e introspecção. A solidão da noiva, assim como a dualidade refletida de Valdrada, ressalta a natureza complexa e multifacetada do ser humano. Andando sobre o viaduto, símbolo de passagem e de atravessamento, em meio à cidade paulistana que, mesmo em meados dos anos 1970, era barulhenta e cheia de apelos visuais, os quais descrevem tão bem o mundo interno de uma mulher que, mesmo dentro do casamento, se sente só, não podendo contar com o companheiro e tendo seus sonhos colocados em segundo plano.

Figura 1 - A Noiva (1), 1970, Boris Kossoy, matriz-negativa



Fonte: site Itaú Cultural

A transformação que dá aos fatos históricos um caráter natural, como cuidar de filhos, limpar a casa etc, interfere nas relações entre os gêneros, perpetuando a doxa³ e seu caráter paradoxal.

Nas palavras de Virginia Woolf, citada por Pierre Bourdieu no livro *A Dominação masculina* (1998, p. 13):

Não é por acaso que, quando quis pôr em suspenso o que chama, magnificamente, de 'o poder hipnótico da dominação', Virginia Woolf se armou de uma analogia etnográfica, religando geneticamente a segregação das mulheres aos rituais de uma sociedade arcaica:" inevitavelmente nós consideramos a sociedade um lugar de conspiração, que engole o irmão que muitas vezes nós temos razão de respeitar na vida privada, e impõe em seu lugar um macho monstruoso, de voz tonitruante, de pulso rude, que, de forma pueril, inscreve no chão signos com giz, místicas linhas de demarcação, entre as quais seres humanos ficam fixados, rígidos, separados, artificiais. Lugares em que, ornado de ouro ou de púrpura, enfeitado de plumas como um selvagem ele usufrui dos prazeres suspeitos do prazer e da dominação, enquanto nós, 'suas' mulheres, nos vemos fechadas na casa de família, sem que nos seja dado participar de nenhuma das numerosas sociedades que compõem a sociedade. (BOURDIEU, 1988, p.13)

A figura da noiva representa a mulher que, ao sentir-se aprisionada por expectativas sociais tradicionais e padrões de gênero estabelecidos pela dominação masculina, decide, passo a passo, cruzar a fronteira. Nota-se que as

³ Doxa é uma palavra grega que significa crença comum ou opinião popular. Dessa palavra se originaram palavras mais modernas, como por exemplo, ortodoxo e heterodoxo.

mulheres são tratadas como objetos simbólicos, “corpo-para-outro” ou como descreve Vinicius de Moraes (1967):

Uma beleza que vem
da tristeza
De se saber mulher
Feita apenas para amar
Para sofrer pelo seu
amor
E pra ser só perdão (MORAES, 1967)

A solidão da noiva, fotografada por Kossoy, pode ser interpretada como um reflexo das restrições impostas a mulheres em sociedades patriarcais. Esses são papéis tidos como “naturais” e que são, na verdade socialmente construídos, interpretados e encenados.

Expressam-se, assim, a dualidade e as tensões inerentes a uma sociedade que vive em uma encenação constante, escondendo suas fragilidades e vulnerabilidades em prol da manutenção de uma imagem. Essa mesma relação distante lembra a cidade de Valdrada descrita por Ítalo Calvino.

Valdrada lembra muito a relação humana atual com as redes sociais. Vive-se em uma época marcada pela exposição constante de vidas, famílias e relacionamentos, em que compartilhar momentos felizes e criar uma imagem idealizada dessas realidades se tornou uma norma cultural. Nessa busca por pertencimento e validação, muitas vezes, as pessoas se veem refletidas e interpretando papéis, como marionetes em um teatro de aparências.

As redes sociais, com suas plataformas altamente visuais, reforçam essa dinâmica e também reforçam padrões, sejam eles estéticos, morais, ou de poder, ocultando vulnerabilidades e dificuldades humanas. A busca pela perfeição e a necessidade de aprovação dos outros podem levar a uma encenação constante, na qual as relações apresentadas são muitas vezes irreais, distorcidas ou mesmo impossíveis.

Essa exposição constante pode levar a uma sociedade hipócrita, visto que a imagem projetada nas redes sociais não reflete a realidade das pessoas. Assim como em Valdrada, onde a duplicação meticulosa de cada gesto pode esconder as verdadeiras motivações e emoções, a sociedade pode esconder suas fragilidades e conflitos por trás de uma fachada de felicidade e perfeição.

As vidas, que são cópias ainda mais piegas do que filmes hollywoodianos refletem uma cultura em que a imagem e a aparência são valorizadas acima da autenticidade e da vulnerabilidade. Nessa busca incessante pela imagem perfeita, as pessoas podem se perder em um mundo de ilusões. A realidade confunde-se com a fantasia criada para o consumo do público.

2.2 Revelando os Aversos da Mulher e da Cidade em Moriana

Vadeando o rio, transposto o vale, o viajante encontra-se, subitamente, diante da cidade de Moriana, com as portas de alabastro transparentes à luz do sol, as colunas de coral que sustentam frontões incrustados de serpentina, as aldeias inteiramente de vidro como aquários em que nadam as sombras das dançarinas com adornos prateados sob os lampadários em forma de medusa. Se não é sua primeira viagem, o viajante já sabe que cidades como essas têm um avesso: basta percorrer um semicírculo e ver-se-á a face obscura de Moriana, uma ampla lâmina enferrujada, pedaços de pano, eixos hirtos de pregos, tubos negros de fuligem, montes de potes de vidro, muros escuros com escritas desbotadas, caixilhos de cadeiras despalhadas, cordas que servem apenas para se enforcar em uma trave podre. Em toda a sua extensão, a cidade parece continuar a multiplicar seu repertório de imagens: no entanto, não tem expressor, consiste somente de um lado de fora de um avesso, como uma folha de papel, com uma figura aqui e outra ali, que não podem se separar nem se encarar. (CALVINO, 2002, p. 97).

Figura 2 - Boris Kossoy, *Portrait na Montanha, Serra Negra - SP, 1971*, da série *Viagem pelo fantástico*



Fonte: Galeria Berenice Arvani.

Em "A Noiva na Montanha" de Boris Kossoy, assim como na obra "A Montanha Mágica" de Thomas Mann (2016), o personagem se vê preso em um mundo paralelo que, à primeira vista, nos parece um paraíso. Contudo, por trás dessa aparente perfeição, a noiva carrega consigo sua própria gaiola metafórica, seus olhos tempestuosos e olheiras profundas, apesar da aparente tranquilidade do cenário. Nessa obra, Boris relativiza o tempo, assim como Thomas Mann o fez. O realismo mágico está presente. Mesmo nos grandes paraísos ou nas ilusões mais sedutoras, um olhar mais atento revela a existência dos avessos ocultos.

A canção "Ciranda da bailarina" de Chico Buarque de Holanda (1982) ironiza essa condição feminina em suas estrofes:

Não livra ninguém
Todo mundo tem remela
Quando acorda às seis da matina
Teve escarlatina
Ou tem febre amarela
Só a bailarina que não tem
Medo de subir, gente
Medo de cair, gente
Medo de vertigem quem não tem?
Confessando bem
Todo mundo faz pecado
Logo assim que a missa termina
Todo mundo tem
Um primeiro namorado
Só a bailarina que não tem...

Em *Cidades Invisíveis* (1972), Calvino apresenta a metáfora do avesso ao descrever a cidade de Moriana. À primeira vista, o viajante depara-se com uma cidade deslumbrante, com portas de alabastro transparentes ao sol, colunas de coral que sustentam frontões incrustados de serpentina e aldeias de vidro como aquários onde as sombras das dançarinas se movem elegantemente sob lampadários em forma de medusa. Contudo, ao percorrer um semicírculo, revela-se o avesso de Moriana — uma ampla lâmina enferrujada, montes de potes de vidro e cordas que servem apenas para se enforcar em traves podres.

É exigido de toda mulher que esconda suas marcas de processo; sejam essas marcas externas ou internas, elas não podem atrapalhar nesse aparente quadro de perfeição.

A cidade, assim como as bailarinas em seus saltos perfeitos, aparenta uma perfeição superficial, mas seus pés machucados denunciam seu lado de dentro. Ao examinar seu avesso, é possível descobrir a face obscura de Moriana, um contraste marcante com a beleza inicialmente apresentada. A dualidade da cidade é intrigante, com uma multiplicidade de imagens que não podem se separar nem se encarar. Essa metáfora do avesso, presente em Moriana, convida o leitor a refletir sobre a complexidade das cidades e, por extensão, da própria vida.

A metáfora do avesso é uma forma de ilustrar a condição da mulher na sociedade, especialmente quando se considera o contexto da dominação masculina, conforme discutido por Pierre Bourdieu (1998). Assim como nas descrições de Calvino sobre as cidades e na fotografia de Kossoy, a mulher é apresentada ao mundo com uma fachada aparentemente perfeita, mas que esconde um avesso — uma realidade invisível e subjugada, moldada pela opressão e pelos padrões impostos pela dominação masculina.

Esta espécie de negação à existência as obriga, muitas vezes, a recorrer, para se impor, às armas dos fracos, que só reforçam seus estereótipos: o brilho que acaba sendo visto como capricho sem justificativa, ou a exibição imediatamente qualificada de histeria; a sedução que, na medida em que se baseia em uma forma de reconhecimento da dominação, vem reforçar a relação estabelecida de dominação simbólica. Seria necessário enumerar todos os casos em que os homens bem-intencionados (a violência simbólica, como sabem, não opera na ordem das intenções conscientes) contribuem inadvertidamente para a perpetuação dessas relações de dominação. (BOURDIEU, 1998, p. 101).

Assim como Moriana, que se revela com um avesso sombrio, é comum entre a maioria das mulheres guardar suas realidades ocultas, suas vozes abafadas e suas lutas reprimidas em meio a uma fachada aparentemente perfeita. A dominação masculina, conforme analisada por Pierre Bourdieu (1998), contribui para essa negação da existência da mulher, impondo estereótipos e limitando sua autonomia.

O avesso, nessa narrativa, pode ser encarado como um convite à reflexão e à ação; é a oportunidade de romper com os estereótipos, dar voz às mulheres, valorizar suas experiências e reconhecer o poder que elas têm para serem

protagonistas de suas próprias histórias.

Todo avesso é um processo para buscar o resultado, mas a sociedade moderna busca esconder o avesso das coisas, o processo e os rejeitos. Desvendar o avesso é reconhecer a importância das narrativas não contadas, dos espaços invisibilizados e das vozes silenciadas.

2.3 Entre Pontes e Precipícios: Vidas Desafiando a Cidade de Otávia (a Cidade Teia de Aranha)

Se quiserem acreditar, ótimo. Agora contarei como é feita Otávia, cidade-teia-de-aranha. Existe um precipício no meio de duas montanhas escarpadas: a cidade fica no vazio, ligada a dois cumes por fios, correntes e passarelas. Caminha-se em trilhos de madeira, atentando para não enfiar os pés nos intervalos ou agarrar-se aos fios de cânhamo. Abaixo, não há nada por centenas e centenas de metros: passam algumas nuvens; mais abaixo, entrevê-se o fundo do desfiladeiro. Essa é a base da cidade: uma rede que serve de passagem e sustentáculo. O resto, em vez de se levar, está pendurado para baixo: escadas de corda, redes, casas em formas de saco, varais, terraços com formas de navetas, odres de água, bicos de gás, assadeiras, cestos pendurados com barbantes, monta-cargas, chuveiros, trapézios e anéis para jogos, teleféricos, lampadários, vasos com plantas de folhagem pendentes. Suspensa sobre o abismo, a vida dos habitantes de Otávia é menos incerta que a de outras cidades. Sabem que a rede não resistirá mais que isso. (CALVINO, 2002, p. 71)

Figura 3 - A noiva ano 1970 Boris Kossoy



Fonte: site Itaú cultural.

A teia de aranha é um símbolo da interconexão entre os seres e das relações que estabelecemos com os outros. Assim como uma teia é formada por fios delicados, nossas vidas são entrelaçadas com as vidas daqueles ao nosso redor, criando uma rede complexa de conexões. Cada escolha, cada ação, pode reverberar e afetar não apenas a nós mesmos, mas também às pessoas com as quais nos relacionamos. Essa teia simboliza a interdependência da humanidade e a importância de reconhecermos nossa responsabilidade em relação aos outros.

A cidade de Otávia evoca uma imagem de interconexão, vulnerabilidade e engenhosidade. É uma representação da complexidade das vidas dos habitantes da cidade e das relações que sustentam sua comunidade. Por meio da Figura 3, pode-se refletir sobre os laços que nos unem e a importância de cada ação e escolha que fazemos em nossas próprias vidas e nas comunidades em que vivemos.

Parafraseando Clarice Lispector, até cortar nossos defeitos pode desestabilizar nosso equilíbrio. Assim como um efeito borboleta. Ao cortar nossos defeitos, estamos mexendo com o equilíbrio delicado da nossa existência. Podemos estar desencadeando uma série de eventos que podem nos levar a um destino totalmente diferente. A própria tentativa de eliminar aquilo que consideramos um defeito pode ser o ponto de partida para uma transformação profunda em nossa vida.

Otávia nos convida a analisar essas complexidades em nós enquanto microssistemas de teias entre abismo e montanhas e nas nossas relações com o mundo.

A imagem da última noiva de Boris Kossoy (ver Figura 3), sozinha em uma estação de trem vazia, evoca uma atmosfera de melancolia e solidão. A cena desenrola-se em um cenário sombrio e silencioso, onde as linhas de ferro se cruzam como teias de aranha, simbolizando as inúmeras conexões e desvios que a vida nos apresenta.

A presença das malas da noiva sugere que ela está prestes a embarcar em uma jornada, talvez em direção a um novo capítulo de sua vida sozinha. O véu que veda seus olhos, abaixados, adiciona uma sensação de mistério e introspecção.

A estação de trem, tradicionalmente um lugar de chegadas e partidas, agora é o palco para a partida solitária da noiva. O ambiente férreo e frio, acentua a sensação de isolamento e desapego da protagonista em relação ao mundo ao seu redor.

No entanto, essa solidão também pode evocar uma sensação de vulnerabilidade e incerteza. A noiva está prestes a se lançar em um novo caminho. Não sabe o que encontrará pela frente. As malas nas mãos podem representar o peso das decisões e das responsabilidades que ela carrega consigo, enquanto o véu que veda seus olhos sugere uma certa cegueira em relação ao futuro desconhecido.

Nesse contexto, a imagem da última noiva de Boris Kossoy na estação de trem vazia nos convida a refletir sobre as múltiplas facetas da experiência humana. A obra lembra-nos que a vida é uma jornada cheia de escolhas e encruzilhadas, e que cada passo que damos pode nos levar a novas direções e aventuras. É uma cena que nos evoca a contemplar a nossa própria jornada interior e a abraçar a solidão como um momento de autodescoberta e crescimento.

A referência aos "olhos baixos" pode ser interpretada como uma metáfora da submissão e da repressão imposta às mulheres pela dominação masculina, como discutido por Pierre Bourdieu (1998). A dominação masculina é um conceito sociológico que se refere ao sistema de desigualdade e poder que favorece os homens em detrimento das mulheres em várias esferas da sociedade.

[...] do mesmo modo, a submissão feminina parece encontrar sua tradução "natural" no modo de inclinar, abaixar-se, curvar-se e de se submeter (o contrário de pôr-se acima de), nas posturas curvas, flexíveis, e nadocilidade correlativa que se julga convir à mulher. A educação elementar tende a inculcar maneiras de postar todo o corpo, ou tal ou qual de suas partes (a mão direita, masculina, a mão esquerda, feminina) a maneira de andar, de erguer a cabeça ou os olhos, de encarar, nos olhos ou pelo contrário, abaixar os olhos para os pés, etc (BOURDIEU, 1998, p.52).

A noiva retratada por Boris (ver Figura 3) reflete uma postura corporal submissa, que ressoa com a metáfora da cidade de Otávia, como uma teia de

aranha suspensa entre pontes e precipícios. Ambas as representações fazem refletir sobre as complexidades da vida e das relações humanas.

Assim como as pessoas em Otávia caminham em trilhos de madeira, segurando-se em fios de cânhamo para evitar cair no abismo, a noiva na estação de trem também enfrenta uma jornada incerta. Ela pode sentir-se presa em uma teia de expectativas sociais e normas culturais que reforçam a submissão feminina e a desvalorização do papel da mulher na sociedade.

3. Metodologia

A metodologia do presente estudo segue, portanto, as perspectivas da semiótica, visando investigar as linguagens fotográficas de Boris Kossoy e narrativa, de Italo Calvino, entendendo-as como fenômenos de produção de significado e de sentido, cujos aspectos simbólicos buscamos interpretar, indo de um autor ao outro, por meio de um diálogo que evidencie tal exercício e explore suas relações possíveis. Não ambicionamos explorar o edifício filosófico de Pierce, tampouco nos apropriarmos levemente de seus princípios; partimos, isto, sim, da ideia de que tudo que nos é dado a ser capturado pelos sentidos, o mundo, é signo passível de leitura.

Realizou-se uma revisão bibliográfica para compreender os conceitos fundamentais do realismo mágico, as obras de Ítalo Calvino e Boris Kossoy, e as teorias sobre dominação masculina e representação feminina. Foram consultadas fontes primárias e secundárias, incluindo livros, artigos acadêmicos.

Analisaram-se detalhadamente algumas obras, como, por exemplo: *Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino, com uma leitura e interpretação das descrições das cidades, e nas metáforas utilizadas para descrever suas características; *Viagem pelo Fantástico* de Boris Kossoy: através de uma análise detalhada das fotografias de noivas, observando elementos visuais, composição, ambientação e simbolismos presentes, levando em consideração da teatralidade e encenação nas imagens, investigando como esses elementos contribuem para a narrativa visual e observando a formação em arquitetura do autor e a importância dos ambientes como simbologia nas imagens, estabelecendo assim uma correlação adicional com a obra de Ítalo Calvino sobre

idades. Ambas as obras são exemplos de realismo mágico, além de terem sido criadas na mesma época, em meados da década de 70. Ademais, ambos os autores viveram em períodos de forte repressão em suas histórias pessoais.

A identificação e interpretação dos símbolos e metáforas presentes nas obras de Calvino e Kossoy, conectando-as com os conceitos de dominação masculina e papéis de gênero e da representação das cidades e das noivas como metáforas das experiências femininas e da opressão patriarcal.

Por fim, se traçou paralelos entre as descrições das cidades invisíveis de Calvino e as fotografias de noivas de Kossoy, destacando similaridades e diferenças nas abordagens dos dois autores, explorando como a abordagem artística e estética de ambos contribui para uma compreensão mais profunda das questões de gênero e da condição feminina na sociedade utilizando as obras como representação poética.

4. Resultados e Discussões

A discussão dos achados versou sobre a condução de uma discussão crítica sobre os achados da análise, considerando o contexto histórico e social em que as obras foram criadas (anos 70). Também se avaliou como as representações simbólicas e metafóricas nas obras de Calvino e Kossoy podem oferecer insights sobre a perpetuação dos papéis de gênero tradicionais e a opressão de gênero.

Dessa forma, refletiu-se sobre as implicações das análises para a desconstrução dos padrões de dominação masculina e a promoção da igualdade de gênero. Levando em consideração a interconexão entre literatura e fotografia pode contribuir para a conscientização e a mudança social.

5. Conclusão

O realismo mágico foi um movimento literário que se estendeu para outras formas de expressão artística, como as artes visuais, fotografia e cinema, utilizando símbolos, metáforas e elementos mágicos para abordar a complexidade da realidade histórica e social. Gabriel Garcia Marquez, com sua

obra *Cem Anos de Solidão*, é um dos expoentes mais reconhecidos deste movimento na América Latina. O brasileiro Boris Kossoy também é um nome significativo neste contexto, com seu fotolivro *Viagem pelo Fantástico*, publicado durante a ditadura militar brasileira, especificamente nos anos de chumbo (1968-1974).

Pierre Bourdieu, em *A Dominação Masculina* (1998), oferece uma análise sobre as estruturas de dominação simbólica que perpetuam a desigualdade de gênero. Bourdieu discute como a violência simbólica opera na ordem das intenções inconscientes, onde até mesmo homens bem-intencionados podem inadvertidamente reforçar relações de dominação.

Italo Calvino, em *As Cidades Invisíveis* (1972), explora temas de urbanidade e existência mediante uma lente de realismo mágico. Suas descrições de cidades imaginárias, como Otávia, a cidade *teia de aranha*, oferecem uma metáfora poderosa para a análise das estruturas sociais e da condição humana. Calvino, traz uma perspectiva de resistência e crítica social que complementa as abordagens de Kossoy durante a ditadura brasileira (CALVINO, 1972).

Boris Kossoy, em seu trabalho fotográfico *Viagem pelo Fantástico*, utiliza a fotografia como um meio para explorar e desafiar as realidades sociais de sua época.

As obras musicais e poéticas de Chico Buarque e Vinicius de Moraes também fornecem um contexto cultural e social. *Ciranda da Bailarina* de Chico Buarque (1983) e *Samba da Bênção* de Vinicius de Moraes (1967) e Clarice Lispector *Água Viva* (1973) refletem a sociedade brasileira e suas complexidades culturais e sociais.

REFERÊNCIAS

BORIS Kossoy. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa316/boris-kossoy>. Acesso em: 6 ago. 2023.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUARQUE, Chico. Ciranda da bailarina. [s. l.]: Letras, [20--?]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/85948/>. Acesso em: 6 ago. 2023.

CALVINO, Ítalo. As Cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GALERIA BERENICE ARVANI. Boris Kossoy, Portrait na Montanha, Serra Negra- SP, 1971, da série viagem pelo fantástico, 40 x 60 cm. 1 figura. [s. l.]: Facebook, 2019. Disponível em: https://www.facebook.com/GALERIABERENICEARVANI/posts/2571333326222087/?locale=es_LA. Acesso em: 6 ago. 2023.

KOSSOY, Boris. Viagem pelo Fantástico. São Paulo: Ipsis, 2021.

LISPECTOR, Clarice. 'Carta', em "Correspondências", de Clarice Lispector. In: MONTERO, Teresa. (Org.). Todas as cartas. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

MANN, Thomas. A Montanha Mágica. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MORAIS, Vinicius de. Samba da Bênção. [s. l.]: Letras, [20--?]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/vinicius-de-moraes/85948/>. Acesso em: 6 ago. 2023.

SANTAELLA, Lucia. O que é Semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1983.